

IPA, NOSSA ORGANIZAÇÃO MAIS VIVA DO QUE NUNCA

Cíntia Albuquerque, Brasil

O convite da IPA para escrevermos ensaios sobre esses tempos em que vivemos, com nossas mentes na linha de fogo, me arrebatou. Sinto fortemente que preciso participar disso, não quero e nem posso ficar de fora, como se não estivesse absolutamente implicada com o que temos vivido, tanto como psicanalistas na clínica como enquanto cidadãos no mundo; tanto a nível nacional, quanto latinoamericano e mundial, em dosagens obviamente diferentes, dependendo do tema e dos afetos envolvidos.

Nos últimos anos, em todos os continentes, os membros da IPA e suas associações - todos nós, membros e analistas em formação, que somamos 17220 pessoas - vêm se envolvendo em maior ou menor grau em projetos e atividades de cunho social e cultural. No Brasil, o trabalho de um grupo de psicanalistas pioneiros gerou a criação, em 2015, da Diretoria de Comunidade e Cultura da Federação Brasileira de Psicanálise - FEBRAPSI, para articular e coordenar ações que estabeleçam o diálogo entre a psicanálise e outras áreas do conhecimento, visando sua aproximação aos campos social e da cultura. Em 2017, na gestão de Virginia Ungar e Sérgio Nick, foi implementada a iniciativa que se chamou "IPA na Comunidade". No site da IPA constam dezenas de comitês ligados à IPA na Comunidade. A Federação Latino Americana de Psicanálise - FEPAL, também tem sua Diretoria de Comunidade e Cultura há décadas. E, muito antes de nós, Freud escreveu seus brilhantes e sempre atuais ensaios sobre a cultura: Totem e Tabu (1913), O Futuro de uma Ilusão (1927), O Mal-Estar na Civilização (1930) e Moisés e o Monoteísmo (1939).

Então, vamos lá: por que isso tem acontecido? Por que não nos mantivemos dedicados exclusivamente à nossa clínica privada e à formação de novos psicanalistas nos Institutos das nossas Sociedades Componentes da IPA? Por que, cada vez mais, nos voltamos para o que se tem chamado de Psicanálise Extramuros, Psicanálise a Céu Aberto, Psicanálise Expandida?

Porque o mundo mudou!

Nos últimos 40 anos o nosso mundo ocidental mudou de uma maneira impressionante, e com o avanço tecnológico espantoso, vivemos todos de outra maneira, em outro ritmo, com acesso permanente a tudo que se passa em qualquer lugar do planeta. A globalização mudou a ordem social, os países se organizaram em comunidades continentais, não há fronteiras para a economia, soluções que serviam não servem mais, são necessárias atualizações em tudo: na educação das crianças, na justiça, na clínica psicanalítica.

A análise de Zygmunt Bauman em seu *O Mal Estar da Pós Modernidade* (1997) sobre a contemporaneidade, em resposta ao texto freudiano sobre o mal-estar na civilização, é tão contundente que hoje dificilmente se consegue escapar de mencionar seu conceito de modernidade líquida. De um modo radical, ele diz que tudo é descartável e a instabilidade é a norma geral. Não há espaço para a subjetividade. É isso, o mundo ocidental atual é líquido, oferece múltiplas opções de tudo, é mais flexível e por isso mesmo demanda muito mais responsabilidade.

Antes de Bauman, Roger Money-Kyrle já sugeria que, para conhecer a vida do homem na cidade, há que se olhar para a evolução humana e se verá que o homem tornou-se o maior rival de si mesmo. A disposição à polarização que se vê hoje no mundo vem de longe...

O professor, escritor e filósofo tunisiano Pierre Lévy analisa há 30 anos o impacto das novas tecnologias e a hiper digitalização em nossas sociedades e diz: "Desde o momento em que há linguagem, há mentira e manipulação. A natureza humana não se transformou... já éramos muito maus antes que a internet existisse." Nós, psicanalistas, também sabemos disso, das presenças dos impulsos de vida e de morte em todos nós. Como um visionário, Lévy tratava de teletrabalho, fake news, realidade virtual e mudanças disso tudo na cultura, quanto a internet estava engatinhando. E ele diz mais: "ainda não vimos nada, estamos no começo de tudo isso". A mente na linha de fogo.

Nós temos responsabilidade, no sentido etimológico, grego: precisamos *respondere* ao que se passa. Sabemos que a moral tem um caráter social. Ao colocar-se criticamente frente às normas sociais, o ser humano inventa a reflexão ética, incluindo a subjetividade. À medida que nos tornamos mais conscientes de nós mesmos, mais estamos comprometidos eticamente. Como podemos concordar com críticas ainda recorrentes de colegas psicanalistas nos dizendo que nada disso é psicanálise? Será que eles também consideram que os textos de Freud sobre a cultura não refletem o olhar psicanalítico de nosso fundador?

A psicanálise tem como objetivo mesmo a expansão da capacidade de pensar e, portanto, de conhecer. Uma coisa leva à outra e chegamos a isso: consciência e responsabilidade são condições indispensáveis à vida ética. Quem não integra esses elementos segue cindido. O discurso para um lado, as atitudes para outro. A teoria bem longe da prática.

A IPA, nosso organismo cada vez mais vivo, atuante e inserido na cultura, nos convida a refletir e elaborar sobre as tendências desestabilizadoras nos âmbitos político, social, meio ambiente e cultural da atualidade, e nos indaga se seriam tremores habituais que produzem mudanças em desenvolvimentos saudáveis ou o sinal de movimentos regressivos em resposta à complexidade cada vez menos manejável desse mundo interconectado; como enfrentamos a perda de orientação e compreensão e a velocidade acelerada das transformações tecnológicas e

geopolíticas? Por fim, pergunta se a psicanálise pode contribuir com uma compreensão mais aprofundada sobre o que pode suscitar criatividade ou, ao contrário, sobre o que ameaça a mente na linha de fogo.

Com o objetivo de construir pontes entre a psicanálise e a cultura, com toda a diversidade que podemos observar, a Diretoria de Comunidade e Cultura da Federação Brasileira de Psicanálise criou um dispositivo chamado Observatório Psicanalítico (OP) há 5 anos, bastante inovador e inspirador para outros grupos e países. Por meio do OP, psicanalistas da IPA escrevem ensaios sobre acontecimentos sociopolíticos e culturais que demandam e merecem um olhar psicanalítico e já foram produzidos mais de 335 ensaios nesse período, os quais são divulgados nas redes sociais, como o Facebook, o Instagram e no site institucional, alcançando milhares de leitores e divulgando a psicanálise da IPA no Brasil.

No espantoso e assustador ano de 2020, o espaço do OP nos manteve próximos, unidos, compartilhando preocupações, emoções e reflexões, num intercâmbio permanente. Isso se mostrou muito valioso frente a tanto não-saber em relação à saúde, ao social, à economia. Viver tornou-se tão intenso que o pensar parece estar sempre atrasado. Portanto, um certo mal-estar nos acompanha. Nos tempos atuais, em que tudo muda, torna-se mais importante do que nunca nossa plasticidade. Habitamos territórios instáveis, as subjetividades são múltiplas, precisamos de rápidas adaptações para atuar no social. A mente na linha de fogo.

Precisamos nos proteger, pois estamos engolfados pelas redes sociais. Estamos todos submetidos, como diversos documentários mostram com clareza. Precisamos nos libertar e fazer uso inteligente e moderado da tecnologia - que também é excepcional. A psicanálise fala da falta, da incompletude, dos aspectos inconscientes, e o que vemos é o estabelecimento do ideal do ilimitado, a tão conhecida voracidade: nunca houve tanta tecnologia, obesidade, alcoolismo, depressão e outros quadros de difícil acesso. Vivemos num imenso descompasso.

Isso tudo sem falar na revolução transumanista, o projeto que já está sendo tocado em laboratórios, universidades, centros de pesquisa ou grandes empresas dos Estados Unidos e da China, e que consiste na melhoria da humanidade em todos os aspectos: físico, intelectual, emocional e moral, graças aos progressos das biotecnologias. Sua meta é passar de um tratamento para reparar o ser humano, como tem sido feito desde sempre - para um modelo superior de humanos, no qual a perfeição ilimitada é possível e desejável. Essa é a meta mais modesta do transumanismo, pois a outra se funda na ideia - delirante ou não, a ver - de que máquinas dotadas de uma inteligência artificial forte logo vão superar os seres biológicos, pois terão consciência de si e de emoções. Aqui, o pós-humanismo remetenão a uma melhoria da humanidade, mas à sua superação radical no plano ao mesmotempo intelectual e biológico.

Num nível bastante claro, pode-se perceber que a infraestrutura tecnológica necessária ao transumanismo - como big data, internet 5G, 6G, IA, impressora 3D, robótica, metaverso... - também é necessária a mudanças que vêm se fortalecendo, como a economia colaborativa. De 2007 para cá o transporte urbano e a hospedagem mundial mudaram para sempre, com a invenção do Uber e do Airbnb. Tendo como pano de fundo uma estrutura tecnológica inédita na história humana, temos as

startups, os big data, os objetos conectados, a internet das coisas e a anunciada "terceira revolução industrial". Essa realidade levanta importantes questões: vamos viver o fim do trabalho ou a diminuição dos assalariados? Há fortes indícios disso e uma multidão de pessoas que não procuram mais trabalho.

Tudo isso nos diz respeito, pois somos psicanalistas de humanos. A psicanálise, com seus cento e poucos anos de vida, vem acompanhando os humanos desde então. O que está em jogo é nossa identidade, pois a definição do que somos e queremos nos tornar pertence cada vez mais a nós mesmos e não, como se costumava pensar, a Deus, aos costumes ou à natureza. Somos em grande parte responsáveis por nosso mal-estar ou satisfação. É nossa função, como psicanalistas, alertar para isso. Talvez a psicanálise seja, agora, mais importante do que nunca, pois nesse universo continuamente mutante, com estímulos incessantes e contraditórios, nós continuamos a falar de afetos, desejos, dor, satisfação, intimidade, insegurança, confiança. Em última instância, como disse Freud, falamos de amor. Ainda.

Precisamos seguir nos equilibrando com o incognoscível, num esforço contínuo. Nossa primeira vacina é a capacidade de pensar, que é frágil e facilmente atacada. O tema proposto pela IPA para nosso 53o Congresso não poderia, a meu ver, ter sido mais adequado: a mente na linha de fogo.

Encerro esse ensaio com as palavras de um dos mais sensíveis escritores brasileiros, Guimarães Rosa, em Grande Sertão: Veredas (1956).

"Qualquer amor já é
um pouquinho de saúde,
um descanso na loucura."